

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS – UAG**

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

FERNANDO JOSÉ VALENÇA LOPES

**ANÁLISE DO TRATAMENTO DADO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM LIVRO
DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Garanhuns
2019

FERNANDO JOSÉ VALENÇA LOPES

**ANÁLISE DO TRATAMENTO DADO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM LIVRO
DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Profº Dr. Eudes da Silva Santos

Garanhuns
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

L864t Lopes, Fernando José Valença
 O tratamento dado à variação linguística em um livro
 didático de língua portuguesa / Fernando José Valença
 Lopes. – 2019.
 41 f. : il.

 Orientador: Eudes da Silva Santos.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
 Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
 Letras, Garanhuns, BR-PE, 2019.
 Inclui referências.

 1. Sociolinguística 2. Livros didáticos 3. Língua portuguesa
 I. Santos, Eudes da Silva, orient. II. Título

CDD 410

FERNANDO JOSÉ VALENÇA LOPES

**ANÁLISE DO TRATAMENTO DADO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM LIVRO
DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eudes da Silva Santos

Garanhuns, 30 de Julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eudes da Silva Santos

Orientador – UFRPE/UAG

Prof^a. M.a Emanuelle Camila M. de Melo Albuquerque Lima

Examinadora – UFRPE/UAG

Prof. M.e Carlos Eduardo B. Alves

Examinador – Gerência

Dedico este trabalho a minha linda mãe, Suely Valença (dona Su), professora de matemática que sempre foi a maior referência em qualidade profissional e minha namorada, Maria Adriana que foi minha maior incentivadora para que eu chegasse a conclusão do meu curso.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer primeiramente a Deus, o responsável por cada passo que dou em minha vida e me inspira a exercer sempre o meu melhor, de forma verdadeira e honesta, e é literalmente o responsável por iluminar o meu pensamento para que eu iniciasse o curso de Letras nessa instituição de ensino.

Agradeço a minha família que sempre me incentivou. A minha vó, *in memorian*, que sempre cuidou de mim desde os meus primeiros passos e é uma grande parte responsável por eu ser quem eu sou. Ao Meu pai, *in memorian*, que sempre me ensinou a sorrir e nunca baixar a cabeça.

Agradeço de forma ímpar ao meu amigo, professor e orientador, Dr. Eudes Santos que de forma muito carinhosa e com um grande sorriso aceitou o meu convite para me orientar e trilhar comigo esse caminho da construção do meu trabalho, sendo um cara sempre paciente, atencioso e motivador, bem como a minha amiga e co-orientadora, professora Emanuelle Albuquerque que é uma das minhas maiores referências em excelência profissional e que sempre me incentivou durante o curso.

Aos meus queridíssimos, professora Diana Vasconcelos e professor Eduardo Barbúio que além de professores, também foram grandes amigos e são parte fundamental para que eu chegasse ao final do curso e pudesse concluí-lo. Também a todos os meus professores e professoras que sempre demonstraram maestria no exercício da docência, me inspirando no que devo e no que não devo ser.

Aos colegas de sala de aula, agradeço por toda história que construímos juntos durante esses anos de vida acadêmica. Pela confiança ao me escolher para ser o representante da turma e por cada momento de aprendizagem, risada, discussão e confraternização que compôs o nosso dia a dia. Em particular, agradeço aos meus *tchongos*, Victor e Mônica, companheiros desde o início do curso.

Por fim, gostaria também de agradecer a essa instituição, a Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns – por me fazer me sentir em casa, me acolhendo, me instruindo e me dando a oportunidade de cursar uma graduação de alto nível aqui na minha cidade natal.

“Não quero minha vida igual a tudo o que se vê”

Rosa de Saron

RESUMO

A língua que falamos não possui uma única forma. Ela é heterogênea e está cheia de variações. Basta observarmos como usamos a linguagem, e assim perceberemos que uma pessoa não fala igual à outra. Essa variação se justifica através dos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam na forma de comunicação de cada falante. Esse trabalho tem como objetivo principal analisar o tratamento dado à variação linguística no livro didático de língua portuguesa. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, de cunho bibliográfico e de caráter documental, sendo justificada por ter como base o livro didático. De forma mais específica, faremos uma abordagem sobre os estudos sociolinguísticos, observando as formas de variação da língua e aplicando o conteúdo na análise do material. Para tanto, tomamos como base os seguintes autores: Labov (2008), Tarallo (1986), Ilari e Basso (2006), González (2015), entre outros, para tratarmos de questões relativas à variação linguística e ao livro didático, além de outros temas correlacionados. A análise do livro apresentou a variação linguística presente no capítulo analisado, descrevendo as formas de variação, mas ainda limitando-se sobre a forma em que ela deve ser de fato apresentada. Portanto, devemos reconhecer que já é um avanço o fato de termos a presença dessa temática explanada no material didático. Isso porque, desta maneira, é possível compreender que a língua não deve ser tratada como homogênea e que o professor deve assumir uma postura heterogênea, no que tange à forma de trabalhar com as variações linguísticas, ao exercer a docência.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação linguística. Livro didático.

ABSTRACT

The language we speak does not have a single form. It is heterogeneous and full of variations. Suffice to just observe how we use language in order to realize that one person does not speak the same way as another. This variation is justified by the linguistic and extralinguistic factors that influence the form of communication of each speaker. The main objective of this paper is to analyze the treatment given to linguistic variation in the Portuguese language textbook. The research is characterized as one of qualitative, bibliographic and documentary nature, being justified by having the textbook as the basis of data collection. More specifically, we will approach the sociolinguistic studies, observing the forms of language variation and applying the content in the analysis of the material. To highlight, we have based our research on the following authors: Labov (2008), Tarallo (1986), ILARI and BASSO (2006), González (2015), among others, to deal with questions related to linguistic variation and the textbook, besides other correlated themes. The analysis of the textbook revealed the linguistic variation present in the analyzed chapter in such a way as to describe the forms of variation, but still limiting itself to how variation should actually be presented. Therefore, we must recognize that it is already an advance to have the presence of this theme, explained in the didactic material. Thus, it becomes pertinent to enhance the fact that language should not be treated as a homogeneous phenomenon, and that teachers should assume a heterogeneous posture, in relation to the way they deal with linguistic variations, in their teaching process.

KEYWORDS: Sociolinguistic. Linguistic variation. Textbook.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 SOCIOLINGUÍSTICA.....	11
2.1 Pré sociolinguística.....	11
2.2 Labov e o seu pioneirismo dos estudos sociolinguísticos.....	12
2.3 A sociolinguística no Brasil: contribuições de Tarallo.....	15
3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO.....	17
3.1 Os tipos de variação linguística.....	17
3.2 Variação linguística: um olhar para o ambiente escolar.....	18
3.3 Norma padrão, de prestígio e não padrão.....	21
3.4 Sobre o livro didático.....	22
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....	27
5.1 Explorando as categorias.....	27
5.1.1 Variedades linguísticas.....	27
5.1.2 Uma variedade é melhor que a outra.....	34
5.1.3 Tipos de Variação.....	34
5.1.4 A norma-padrão.....	35
6 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado para que eu possa concluir o curso de Licenciatura em Letras – português e inglês. A graduação foi cursada na Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade acadêmica de Garanhuns, localizada em Pernambuco. O Estado é pioneiro na implementação do ensino integral e o *campus* é a primeira extensão do Brasil.

O objetivo deste trabalho é analisar a maneira em que a variação linguística é tratada no livro didático de língua portuguesa, reforçando o papel da escola sobre como tornar os discentes conhecedores das diversas variedades linguísticas e orientá-los a adequar sua fala e escrita às diversas situações de comunicação. Faremos uma relação da elaboração do material didático com o referencial teórico adotado, com base analítica através da sociolinguística variacionista e observando também como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) tratam o tema abordado, destacando o que o próprio documento afirma que deve ser aprendido pelos alunos.

A presente pesquisa se enquadra enquanto qualitativa, de cunho documental, que toma como objeto de análise o livro didático de língua portuguesa, do 1º ano do ensino médio. O livro selecionado está de acordo com as normas do PNLD, órgão que faz a ponte entre a escola e o MEC na escolha do livro didático para o ano letivo. A relevância desse trabalho se dá por tratar de um tema que vem sendo muito discutido entre os pesquisadores dos estudos linguísticos e traz consigo questões diversas que ainda trarão muitas discussões para poder chegar a um senso comum.

Para fazer essa análise, tomamos como base teórica estudiosos que abordam a sociolinguística variacionista como William Labov (meados da década de 60) e Fernando Tarallo (1986) que ganhou destaque em suas pesquisas, no Brasil, por ser orientando de Labov durante o seu doutorado. Também destacamos Ilari e Basso (2006) que abordam a questão da variação linguística e González (2015) que desenvolve sua pesquisa em relação à variação linguística no livro didático.

O trabalho está organizado em quatro seções. A primeira trata sobre os percursos dos primeiros estudos linguísticos até chegar a sociolinguística quantitativa. A segunda aborda a questão da variação linguística. A terceira apresenta o percurso metodológico, que traz uma breve descrição sobre o livro

didático e o passo a passo utilizado para a análise. A última seção é destinada a análise, na qual estão as discussões propostas nesse trabalho.

2 SOCIOLINGUÍSTICA

Esta sessão tem a finalidade de debater sobre uma das áreas dos estudos linguísticos, a sociolinguística que trata da língua usada em sociedade, apresentando os seus conceitos a partir dos primeiros estudos acerca dessa temática. Antes de irmos ao ponto central do capítulo, faremos um breve percurso histórico para conhecer as origens dos estudos na relação existente entre língua e sociedade, dentre outras coisas que vão permear o desenvolvimento do capítulo.

2.1 Pré sociolinguística

A língua e a linguagem são objetos de estudo desde os períodos mais remotos. Desde o período da Antiguidade clássica, com os gregos e romanos, encontramos pesquisas diversas. Mas é a partir do início do século XX, com a divulgação dos trabalhos de Ferdinand de Saussure, que os estudos linguísticos começaram a ser desenvolvidos de maneira a serem reconhecidos como estudo científico.

Em 1916, a partir de notas de dois de seus alunos da Universidade de Genebra, Charles Bally e Albert Sechehaye, ocorreu a publicação do livro “Curso de Linguística Geral”, obra fundadora da nova ciência que desenvolveu a linguística denominada estrutural e é considerado um dos acontecimentos mais significativos do pensamento científico do século XX (PETTER, 2003).

Antes disso, a linguística não era uma ciência autônoma, pois submetia-se às exigências de outros campos do saber, como a lógica, a filosofia, a retórica, a história e a crítica literária. Saussure (2006) focalizou em seu trabalho a língua como objeto de estudo da linguística. Para ele, a linguística tem por único e verdadeiro objeto “a língua considerada em si mesma e por si mesma”, considerando a sincronia como verdadeira e única nos estudos da linguagem.

A língua corresponde, na perspectiva saussuriana, à parte essencial da linguagem e constitui um tesouro – um sistema gramatical – depositado nos cérebros dos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística. A língua é o objeto de estudo específico da linguística estrutural saussuriana. Isso porque é na língua, conhecimento comum a todos, que se encontra a essência da

atividade comunicativa, e não aquilo que é específico de cada um. (SAUSSURE, 1997)

As pesquisas continuaram e, em meados do século XX, o norte-americano Noam Chomsky trouxe para os estudos linguísticos uma nova onda de transformação nas pesquisas sobre língua e linguagem, dando início ao gerativismo, uma corrente de estudos que se preocupava em desenvolver um modelo teórico formal, inspirado na matemática, capaz de descrever e explicar abstratamente o que é e como funciona a linguagem humana. (KENNEDY, 2013).

Inicialmente, a linguística gerativa foi formulada como uma espécie de resposta e rejeição ao modelo behaviorista de descrição dos fatos da linguagem. No entanto, o objetivo do gerativismo pode ser descrito como uma forma de descobrir os princípios abstratos que governam a estrutura e o uso da linguagem. Para Chomsky, segundo Kennedy (2013), a linguagem é uma capacidade inata e específica da espécie, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana.

A seguir, apresentaremos a corrente linguística que embasará os estudos que serão realizados nesse trabalho.

2.2 Labov e o seu pioneirismo dos estudos sociolinguísticos

Como vemos, a língua tem sido um objeto de estudo que vem sendo cada vez mais explorado para entendermos sobre o seu funcionamento, sua estrutura, dentre outras questões.

A Sociolinguística é uma das subáreas dos estudos linguísticos que tem como foco examinar o uso da língua no meio social, analisando a fala e sua forma variante na sociedade ou em grupo específico, apresentando seu comportamento interpretativo e deduzido (TARALLO, 1986).

Por ser um estudo amplo, a Sociolinguística surgiu como uma área multidisciplinar. Para analisar esta diversidade linguística, segundo Witkowski (2013), podemos identificar três correntes principais de estudo: a dialetologia, a sociolinguística variacionista e a sociolinguística interacional. Seguiremos com a variacionista que é base fundamental para esse trabalho. Segundo Bortoni-Ricardo:

A Sociolinguística se ocupa principalmente das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão-somente aos aspectos formais da língua (2005, p.20).

A partir do ano 1964, tivemos os primeiros estudos que trataram da relação entre língua e sociedade. Ao inserir a sociedade dentro do estudo da língua, seja uma comunidade ou um grupo específico de falantes nos deparamos com a Sociolinguística, uma corrente de estudo que analisa e descreve o funcionamento da língua que acontece de modo fonológico, morfossintático ou até mesmo estilístico como característica cultural de determinado grupo.

[...] os sociolinguistas rompem incisivamente com uma tendência linguística: a de tratar as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em sua estrutura [...]. Uma das maiores tarefas da sociolinguística é demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é “livre”, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas. Neste aspecto e em outros mais latos, é precisamente a DIVERSIDADE linguística o objeto da sociolinguística (BRIGHT, 1974, p.18).

O precursor da Sociolinguística quantitativa foi William Labov. Ele vem desenvolvendo as formas de estudo da relação entre língua e sociedade. Em seus trabalhos, o autor destaca que a variação linguística ocorria não só pelos fatores propriamente linguísticos, mas também por fatores não linguísticos como o sexo (masculino e feminino), idade, espaço geográfico, classe social, religião, dentre outros fatores.

Nesse sentido, Tarralo (2008) afirma que “o modelo de análise linguística proposto por Labov é também rotulado por alguns de “Sociolinguística quantitativa”, por operar com números e tratamento estatísticos dos dados coletados” (p.08).

A Sociolinguística quantitativa, também conhecida como a Teoria da Variação Linguística, segundo Pagotto (2006), “estuda a forma que o núcleo do sistema linguístico pode ser afetado pelas relações com a sociedade”, sofrendo a influência dos aspectos culturais, econômicos, religioso, políticos e étnicos. Essa linha de pesquisa vai além das ideias estruturalistas que apontavam a língua como um elemento homogêneo que não levava em conta a relação entre língua e sociedade.

A forma como a língua se desenvolve não é homogênea, mas sim heterogênea. Segundo Labov (2008), a língua quando executada, seja na fala ou na

escrita, difere entre os falantes, nos mais variados contextos. Essa variação é até necessária para que haja o funcionamento de uma língua. O autor afirma que “Se quisermos fazer bom uso das declarações dos falantes sobre a língua, temos que interpretá-las à luz de produções inconscientes, sem reflexão” (2008, p.233). É preciso termos de imediato um entendimento não reflexivo acerca da fala, pois só assim veremos a real situação comunicativa da língua.

Seus estudos partem do princípio que as línguas mudam porque variam. De acordo com o autor, “as línguas mudam porque não existem “línguas”, mas sim falantes de carne e osso, que vivendo em sociedades complexas, hierarquizadas, heterogêneas, mudam as línguas”. Logo, percebemos que não há a possibilidade de desvincular os fatos de linguagem dos fatos sociais.

A Sociolinguística proposta por Labov traz consigo o propósito de estudar a estrutura e a evolução da língua no contexto social da comunidade. Ao descrever sobre a fala, apontando-a de forma heterogênea, é possível perceber que o autor está interessado na variação que pode ser sistematicamente explicada.

Para dar uma contribuição significativa no que se refere ao funcionamento da língua, o estudo da língua em seu contexto social não deve se limitar a um ou outro nível de análise linguística, o que é essencial, mas é necessário também que seja explanada pelo uso na comunidade ou grupo de fala, observando o seu desenvolvimento.

Sua metodologia busca alcançar a sistematicidade da variação, seu encaixamento linguístico e social e a relação possível com a mudança linguística através das análises quantitativas de um *corpus*, selecionado a partir de determinadas características sociais correlacionadas a uma variável linguística.

Esse trabalho é desenvolvido com o falante real, em situações reais de linguagem. O interesse da sociolinguística é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala, ou seja, o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala (LABOV, 2008). O vernáculo de uma comunidade de fala é a língua com que se conversa com os amigos ou se conta uma piada, ou seja, o uso linguístico espontâneo, ou com o menor monitoramento possível.

2.3 A sociolinguística no Brasil: contribuições de Tarallo

No Brasil, um dos trabalhos clássicos sobre a Sociolinguística é o livro “A pesquisa sociolinguística”, de Fernando Tarallo. No livro, lançado na década de 80, houve a possibilidade de realizar uma abordagem de forma mais objetiva sobre Teoria, Método e Objeto dos fatores sociolinguísticos. Seus estudos sobre variação e variáveis linguísticas se destacaram em relação aos contemporâneos de sua época por ter o seu referencial teórico estruturado nas pesquisas do seu orientador, William Labov.

Ao citar a variação linguística é preciso elucidar que tais variações são chamadas de variantes linguísticas, ou seja, podemos dizer uma mesma coisa de formas diferentes sem que se verifique mudança no significado básico. Esse conjunto de variantes é denominado de variável linguística, ou seja, é o próprio fenômeno variável selecionado como objeto de estudo pelo investigador. Para exemplificar a diferença entre variante e variável, de acordo com Tarallo (1986), podemos dar como exemplo a marcação de plural no sintagma nominal (SN) que forma uma variável linguística com duas variantes: a presença ou ausência do SN <S>.

Podemos constatar esse exemplo descrito no trabalho de Tarallo (1986) ao analisar o português brasileiro. O autor destaca que existem três variantes marcando o plural do SN: 1 – AS meninaS bonitaS; 2 – AS meninaS bonita(ϑ); e 3 – AS menina(ϑ) bonita(ϑ).

Através de uma sistematização de dados, o autor descreve detalhadamente a interpretação de fatores linguísticos, extralinguísticos ou não-linguístico para determinar o nível linguístico e social do grupo de falantes em que a variável pode ser embocada e realiza também uma projeção histórica do uso dessa variável no grupo de falantes, conjugando a relação língua e sociedade no passar dos tempos.

Através desse exemplo, Tarallo (1986) nos apresenta as variantes: padrão/não padrão, conservadora/inovadora, estigmatizada/de prestígio, estando a padrão e a conservadora sempre ligadas a língua com um caráter de prestígio social. O mesmo acontece com a variante não padrão que encontra fora desse grupo de prestígio social e é estigmatizada pela sociedade. Esse estigma também

acontece com as variantes inovadoras que quase sempre são definidas como não padrão.

Através dessa linha de pensamento, vemos que os traços linguísticos e as formas do falar determinam e identificam os grupos, da mesma forma que também apontam as diferenças sociais de uma comunidade. Tarallo (1986) aponta que “as atitudes linguísticas são armas utilizadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural e seu perfil na comunidade”.

Quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que lhe dizem quando e como monitorar seu estilo. [...]. Em todos esses processos, ele tem sempre de levar em conta o papel social que está desempenhando (BORTONI-RICARDO, 2004, p.73)

Ao pensar sobre as formas de falar, podemos nos deparar com alguns questionamentos e afirmações do tipo: aquela menina fala errado; existe a forma certa de falar? Qual seria essa forma correta? Aquele rapaz tem um sotaque baiano, mineiro, paulista, carioca... olha que engraçado ele/ela falando.

O que podemos constatar é que, de fato, existe variação linguística e esse aspecto não pode e nem deve ser tratado como algo paralelo, mas que está inserido no dia a dia de uma comunidade ou grupo. Na escola, essa variação é facilmente verificada ao entrar em contato com alunos, professores e demais pessoas que transitam no local. Entendendo que a escola é local onde a variação está presente, queremos analisar como essa variação linguística é tratada pelo livro didático de língua portuguesa.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO

Uma discussão será desenvolvida nesta sessão, sobre a Variação Linguística e o Ensino de Língua Materna. Para termos um melhor entendimento sobre como essa prática vem sendo desvendada, vamos discutir, primeiramente, os tipos de variação existentes para, em seguida, abordar a ideia da sociolinguística na escola através de alguns pensamentos de teóricos, observando também o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (1998) a respeito dessa temática.

3.1 Os tipos de variação linguística

A existência da variação linguística torna-se evidente pela experiência de cada falante. Entretanto, ainda há muita relutância em querer aplicar um ensino que demonstre essa heterogeneidade sociocultural da língua. Bortoni-Ricardo (2004) postula que temos de considerar que o Brasil é um país monolíngue. Entretanto, monolinguismo não significa homogeneidade. Para a autora, a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. A escola deve incentivar o emprego criativo e competente do Português, promovendo uma firmeza em relação ao uso da língua.

A variação padrão ou não padrão da língua deve ser acompanhada, em sala de aula, pelo professor, não exagerando na forma de correção do que foi dito de maneira equívoca, mas promovendo os ajustes necessários, apontando o contexto em que aquela variação pode/deve ou não ser utilizada. Os tipos de variação podem ocorrer conforme algumas diferenças, a saber: diferenças diatópicas, diastráticas, diacrônica, diafásicas e diamésica. Vejamos, então, as definições de cada uma, segundo Ilari e Basso (2006):

Na variação diatópica, as diferenças linguísticas estão distribuídas no espaço físico, ou seja, são encontradas entre falantes de origens geográficas distintas. Nessa variação, geralmente é apresentado, de forma a exemplificar, a diferença entre o português europeu e o português do Brasil. Em se tratando de Brasil, podemos observar essa variação, de forma clara ao observar o sotaque dos indivíduos de cada região do país.

A variação diastrática reúne fatores conexos de diversidade, sendo estas de natureza social, de identidade dos falantes, como classe social, idade, sexo. Por

exemplo: em classe social, um advogado e um ambulante possuem linguagens diferentes; ou em relação a idade: o uso de um léxico particular presente no uso das gírias, por exemplo, “maneiro” atribuindo a palavra a uma avaliação positiva que é característico de um falante adolescente.

A variação diacrônica apresenta uma mudança linguística histórica, uma mudança concreta que acontece em qualquer língua e se estabelece de acordo com o passar do tempo. Ou seja, determinadas expressões acabam se perdendo durante o tempo e dão lugar a outras novas expressões. Essa variação pode ser compreendida, por exemplo, pelo uso de gírias.

Variação Diafásica está relacionada ao contexto, ocorrem quando os indivíduos diversificam sua fala, usam estilos ou registros distintos, em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais. Qualquer pessoa modifica a sua fala de acordo com o seu interlocutor, se este é mais velho ou hierarquicamente superior, o falante faz uso de uma linguagem mais formal. Se o lugar em que o diálogo acontece é um bar ou uma conferência, será utilizado um vocabulário mais comum do dia a dia.

Variação diamésica está associada ao uso de diferentes meios de expressão ou veículos que a língua utiliza. Compreende as intensas diferenças que se observam entre a língua escrita e falada.

A variação linguística está presente em cada ambiente social e se apresenta de modo diferenciado a depender do tipo que a relaciona. Aprendemos a falar na convivência, quando devemos falar de um certo modo ou de outro e, ainda, quando devemos ficar em silêncio.

3.2 Variação linguística: um olhar para o ambiente escolar

A escola é lócus para o trabalho com a norma culta. Lugar que não pode deixar de trabalhar essa variante. Entretanto, esta mesma escola, por meio do ensino de língua portuguesa, vem deixando à margem as outras possibilidades de manifestações da língua, ou seja, variantes de pouco prestígio social para desenvolver apenas um ensino baseado na gramática, com abordagem tradicional. O resultado dessa escolha acaba limitando o aluno na sua aprendizagem.

O ambiente escolar é o local ideal para que o indivíduo em formação conheça a diversidade da língua e através dele, encontre um caminho para moldar a visão dos alunos sobre as diversas formas e situações de fala, evitando assim, atitudes preconceituosas. Coelho et al (2015) afirmam que é papel da escola oferecer condições para que o aluno desenvolva plenamente competências comunicativas.

Em relação a variação linguística e ensino, vejamos o que reporta os PCN de língua portuguesa:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variantes linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1998, p. 26)

Vale salientar também que o que os documentos enfatizam é que os preconceitos devem ser discutidos e observados de forma mais ampla, além da sala de aula, com o objetivo de construir o respeito às diferenças. Dentre as concepções que os PCN trazem sobre as práticas com a linguagem, podemos destacar o combate ao preconceito linguístico e o uso adequado da linguagem aos propósitos comunicativos e demandas sociais.

A Sociolinguística traz um alerta para a escola em relação à necessidade de haver uma abordagem da heterogeneidade linguística, elencando as diferenças, especialmente, por haver na escola alunos de vivências diversas. Essa postura contribui para a construção de um novo perfil do professor, bem como para a definição de conteúdo e metodologias. O domínio da demanda sociolinguística básica é (ou pelo menos deveria ser) o mínimo que se espera do professor de língua portuguesa atualmente.

Bortoni-Ricardo (2004) lista alguns pontos em relação à contribuição da sociolinguística para o ensino. São eles: a incorporação ao repertório dos alunos de recursos para que empreguem estilos monitorados; a diferenciação de variantes estigmatizadas evitando-se, nos estilos monitorados, avaliação negativa; o desenvolvimento de estratégias de alternância entre o vernáculo e a língua de prestígio; a análise da variação no processo interacional e a conscientização quanto à variação e à desigualdade social (atitude crítica).

É necessário que haja a consciência, tanto dos professores quanto dos alunos, que algo pode ser dito de duas ou várias maneiras. Ao deixar o ensino de língua portuguesa pautado somente à norma culta, acaba desconsiderando o conhecimento do aluno, adquirido no seu dia a dia no seu convívio familiar e social.

Ao menosprezar a forma de certos falares, a escola impõe a forma certa de se falar e quais são as palavras certas que devem ser ditas. Algumas variantes linguísticas, estudadas pela Sociolinguística, são estigmatizadas por não atenderem a norma padrão da língua portuguesa, que estabelece a forma correta de falar e ou escrever, o que acaba gerando um preconceito linguístico para quem utiliza esse tipo de variação.

Sofremos uma influência nítida, nos dias atuais, pela televisão e rádio, pelas redes sociais que proporcionam a forma falada com muito mais abrangência do que materiais escritos. Utilizar a linguagem literária no dia a dia acaba soando até estranho, pois, encontramos nessa linguagem um perfil de caráter mais formal. Contudo, não vivemos apenas em situações de formalidade, mas vivemos situações descontraídas que proporcionam conversas ou situações espontâneas, como um passeio num shopping ou uma conversa num barzinho.

Um mesmo falante não só pode como deve usar diferentes formas linguísticas de acordo com o local e circunstância em que se encontra. Como diz Bortoni-Ricardo (2004), os papéis sociais que desempenhamos vão se alterando em conformidade com as situações comunicativas (por exemplo, entre professor e aluno, patrão e empregado). Segundo a autora, esses papéis sociais são “um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais [...] e são construídos no próprio processo da interação humana” (2004, p. 23).

É interessante perceber que qualquer língua é composta por suas diferentes variedades que devem ser entendidas e respeitadas, seja essa variação utilizada por que quer que seja. O ensino de língua portuguesa na escola deve oferecer condições para que o aluno desenvolva seus conhecimentos, sabendo:

- 1) ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais;
- 2) expressar-se adequadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato;
- 3) refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a

estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (BRASIL, 1998, p. 50)

3.3 Norma padrão, de prestígio e não padrão

O modelo de língua ideal baseado na gramática, segundo Bagno (2003), acaba nos trazendo critérios para qualificar as variantes linguísticas como: certo x errado, bonito x feio, elegante x grosseiro e culto x ignorante. Contudo, ainda segundo o autor, se não está na gramática, não é norma culta, é “erro crasso”, “língua de índio” ou, simplesmente, “não é português”. Por isso chegamos a escutar declarações do tipo “não sei português”, “português é (muito) difícil”, entre outras singulares a essas.

Em cada grupo de falantes podemos constatar inúmeras normas linguísticas e são essas normas que as caracterizam, seja um grupo urbano ou rural, de adolescentes ou idosos, de cada região do país. Um fato incontestável é que esses membros também transitam em outros grupos. Ou seja, um mesmo falante possui conhecimentos sobre diversas normas que compõe cada grupo.

Segundo Faraco (2008), “uma norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas” (p. 41). Poderíamos questionar, então, a qual norma ou quais normas estamos nos referindo? Vamos ver uma descrição entre o que falamos ao decorrer do trabalho sobre os tipos de normas e suas descrições.

A norma culta, segundo Faraco (2008), designa o conjunto de fenômenos linguísticos variáveis que ocorre habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala. Uma outra definição para o termo “norma culta”, Bagno (2003) se refere à linguagem empregada pelos cidadãos que possuem maior poder aquisitivo. Ainda segundo Bagno, esses falantes são divididos por dois critérios: tem escolaridade superior completa e antecedentes bibliográfico-culturais urbanos. Ou seja, temos um conceito com termos técnicos baseados em critérios mais objetivos.

Uma observação relevante é que há um conflito em quem usa o termo “norma culta”. Precisamos constatar se quem está fazendo uso do termo está relacionada à

questão padrão ou de prestígio. De acordo com Bagno (2003), quem utiliza o termo “norma culta” relacionado-o com a tradição gramatical normativa, podemos descrever como norma padrão. Quem utiliza essa a nomenclatura como termo técnico para designar formas linguísticas existentes na realidade social, o autor afirma que esse falante é dotado de uma norma de prestígio. Sobre esse contexto adjetivo da norma de prestígio, Faraco (2008) nomeia-o como “norma curta”.

Há ainda um terceiro grupo que não deve ser deixado de lado, mas também ser inserido nos estudos e observados através de sua cultura, hábitos e características particulares em relação a fala. A esse grupo que faz uso da “norma popular”, podemos chamar de estigmatizados. Segundo Bagno (2003, p. 67), o estigma, em termos sociológico, é um julgamento negativo lançado pelos grupos dominantes sobre os grupos sociais desprestigiados. Por isso, a escolha do termo para o grupo que é caracterizado pelo uso da fala com expressões estigmatizadas.

Portanto, torna-se fundamental que a escola ensine a norma culta e não queira limitar-se só a norma padrão, muito menos a norma curta. O aluno deve aprender a norma culta não para substituir a sua própria norma (vernacular), mas para se tornar capaz de conhecer outras variedades linguísticas e possa adequar seu uso a diferentes situações.

Uma boa alternativa para combater o preconceito linguístico é apresentar ao aluno textos mais antigos em que ele possa observar que o que hoje é chamado de feio ou errado, antes era tido como uma forma correta.

3.4 Sobre o livro didático

De modo geral, os livros didáticos são instrumentos estruturadores do ensino que auxiliam no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, proporcionando um intermédio na relação entre alunos, professores e conhecimento. Segundo González (2015), ainda observa-se uma tendência entre os livros didáticos a tratar a variação linguística como conteúdo de ensino, o que acaba contribuindo para o discurso de certo ou errado da língua.

A dificuldade do professor com formação tradicional, de lidar com abordagem sobre a variação linguística, inserindo-a em sua prática em sala de aula, se dá pelo fato de ele ter que encarar a heterogeneidade da língua. Lhe dar com esse universo

da variação acaba sendo um desafio para o docente, pois, há a necessidade de criar uma nova identidade para desenvolver as suas práticas pedagógicas.

Se tratando da rede pública de ensino, a escolha do livro didático é realizada pelo governo com base no PNLD. Entretanto, González (2015) alerta sobre um fato de que é interessante observar que o PNLD não tem uma definição concreta sobre a sua concepção de livro didático. Por isso, o órgão traz consigo a definição de livro didático nascida nos anos 60 para responder às demandas daquele período, com a ideia de que todos aprenderam os mesmos conteúdos, dos mesmos modos e acaba ignorando a heterogeneidade de sujeito de aprendizagem.

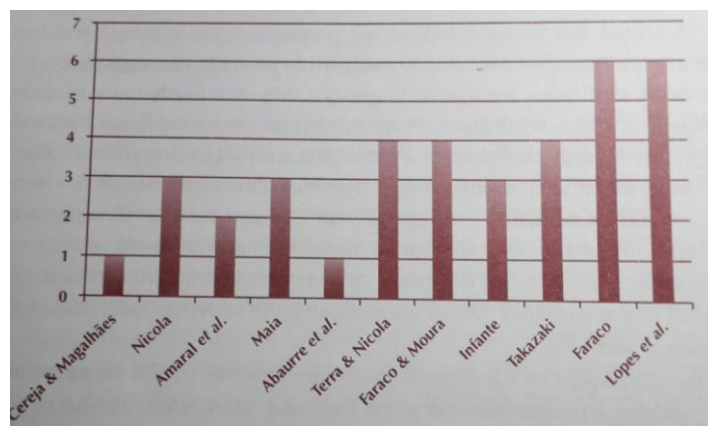
González (2015) afirma que um dos elementos que devem ser avaliados nos livros didáticos pelos consultores do MEC é o tratamento da variação linguística: ela deve estar no horizonte dos autores de livros didáticos, que devem, entre outras coisas:

- 1) não veicular preconceitos contra quaisquer variedades linguísticas;
- 2) apresentar textos representativos de diferentes variedades sociais, regionais e estilísticas;
- 3) considerar as diferentes variedades linguísticas no âmbito da Leitura, da produção textual e da oralidade;
- 4) estimular a reflexão sobre as formas linguísticas, relacionando-as com o uso e com os sentidos que elas mobilizam (GONZÁLEZ, 2015, p.229).

Ou seja, esses pontos apontam para uma exigência maior, a de que o livro didático conceba língua como heterogênea. É importante salientar aqui a variação linguística é tratada no livro didático como um conteúdo específico, da mesma forma que são colocados outros assuntos como a concordância verbal ou trovadorismo

Em uma pesquisa realizada por González (2015), em relação aos livros didáticos adotados no Brasil durante a vigência do PNLD 2009, observa-se uma questão interessante: os dois livros mais adotados pelo Órgão, de Cereja e Magalhães e de Nicola, entre os 11 selecionados, trazem menos tratamento da variação linguística. Já os dois livros menos adotados, de Faraco e de Lopes et al. trazem o maior tratamento em relação à variação linguística. Essa pode ser uma justificativa para definir a preferência dos livros de Cereja e Magalhães e de Nicola. Vejamos o gráfico que o autor nos apresenta:

Gráfico 2 - Observação da quantidade de capítulos que tratam sobre a variação linguística



Fonte: González, 2015, p.231.

A partir da pesquisa realizada por González, nos livros de Cereja e Nicola, podemos perceber que as variações são apresentadas em contexto de isolado, sem de fato apresentar o que deveria ser a variação linguística, como e/ou por que ela acontece. Com isso acaba estereotipando a avaliação e perde a oportunidade de observar elementos linguísticos específicos que visem a reflexão sobre a escolha de certos elementos.

Já nos livros didático de Faraco e de Lopes *et. al.* (os menos adotados), diferentemente dos livros Cereja & Magalhães, González (2015) descreve que os livros apresentam a variação linguística como um fator real que está bem próximo do aluno, dando amplitude aos fatores que compõe tal variação, como por exemplo, a intencionalidade do falante, sua identidade, sua posição social, entre outros fatos.

Dessa forma, podemos perceber que, apesar da resistência em querer trabalhar a língua como um fator heterogêneo, estamos nos deparando com autores que constroem o livro didático demonstrando atenção em querer frisar os processos de construção de sentidos e a maneira de como a variação pode contribuir para que esses processos aconteçam.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Descreveremos nesta seção, os processos realizados para que a meta e conclusão do trabalho sejam alcançadas. Para isso, descrevemos o tipo de pesquisa realizada, antes de expor os passos desenvolvidos para realizar a análise do livro didático de língua portuguesa. Também serão descritos os objetos a serem alcançados com a análise.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, que para Flick (2009) é uma modalidade de pesquisa de particular relevância para o estudo das relações sociais. A pesquisa qualitativa nos ajudará a entender de que maneira funciona a língua no meio social. A pesquisa qualitativa não está moldada na mensuração dos dados. Não há interesse nem na padronização da situação de pesquisa nem, tampouco, em garantir a representatividade por amostragem aleatória dos participantes. Mas sim, tem como objetivo um quadro abrangente possibilitado pela reconstrução do caso que está sendo estudado.

Ainda para o autor, esse tipo de pesquisa não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado, mas se utiliza de várias abordagens teóricas e métodos que irão caracterizar as discussões e práticas da pesquisa.

Trata-se também de uma pesquisa bibliográfica, pois utiliza materiais diversos já existentes sobre o tema. De acordo com Gil (2010), a pesquisa bibliográfica baseia-se em materiais já publicados. Esses materiais já publicados podem estar em livros, revistas, jornais, teses, dissertações e mais recentemente em materiais como discos, CDs, fitas magnéticas e arquivos presentes na internet.

Para Gil (2010), quase toda pesquisa acadêmica precisa em algum momento de um trabalho bibliográfico com o objetivo de dar base teórica para a pesquisa. Gil (2010) afirma também que toda pesquisa acadêmica precisa em algum momento de um trabalho caracterizado como bibliográfico.

Trataremos também de uma pesquisa documental, pois o objeto de análise dessa pesquisa é verificar o tratamento da variação linguística dado no livro didático de língua portuguesa. Segundo Gil (2010), a pesquisa documental fundamenta-se em documentos diversos independente de seu objetivo. Os documentos podem ser

desde documentos institucionais, como o livro didático até fotos, quadros, entre outros.

O livro analisado neste trabalho é “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso”, de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien, lançado pela editora Saraiva e integra o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). O material é componente curricular de língua portuguesa. Será analisado apenas o livro elaborado para o 1º ano do ensino médio.

Atualmente, esse material é utilizado na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Ismênia Lemos Wanderley, localizada na cidade de Brejão – Pernambuco e também na EREM Francisco Madeiros, localizada na cidade de Garanhuns – PE. O livro segue o padrão descrito no PNLD 2018-2020, para poder ser disponibilizado às escolas públicas.

A escolha do livro didático selecionado para análise se deu pelo fato de perceber o quanto estes autores estão presentes na educação, como recurso para o ensino língua portuguesa. Enquanto aluno de ensino médio, utilizei o livro de Cereja e Magalhães, através da pesquisa de González notamos, em seus resultados, que Cereja é a opção número um na escolha do livro didático a ser utilizado como recurso didático e identifiquei que o material é utilizado em algumas escolas que já trabalhei anteriormente.

5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Ao decorrer do trabalho, constatamos que a língua é heterogênea, que existe variação e que as normas padrão e não padrão devem ser trabalhadas em conjunto. Então, com base nas discussões esplanadas ao longo desse trabalho, iremos analisar uma seção do material didático para compreenderemos melhor as propostas de estudo sobre variação linguística elencadas até o momento.

O livro “Português contemporâneo”, de Cereja, Dias Vianna e Damien (2016) é composto por quatro unidades, cada uma com três capítulos. Cada capítulo é dividido em três partes: a primeira aborda o tema do capítulo através da literatura; a segunda parte nomeada como “língua e linguagem”, variando nos subtítulos e categorias da seção; e a terceira parte utilizada para a produção textual.

O capítulo que aborda sobre a variação linguística está na 1ª unidade e corresponde ao capítulo 2, cujo tema principal é “Literatura na baixa idade média: o trovadorismo – variedades linguísticas – O poema, e está dividido em três subtópicos: “Literatura: o trovadorismo”, “Língua e linguagem: variedades linguísticas” e “Produção de texto: o poema”.

O subtópico que aborda a variação linguística e será analisado será o 2 – Língua e linguagem: variedades linguísticas, da página 48 a 55. Ele está dividido nas seguintes categorias: “Variedades linguísticas”, “Uma variedade é melhor que a outra”, “Tipos de Variação”, e “A norma-padrão”. Partiremos, então, para a análise das categorias.

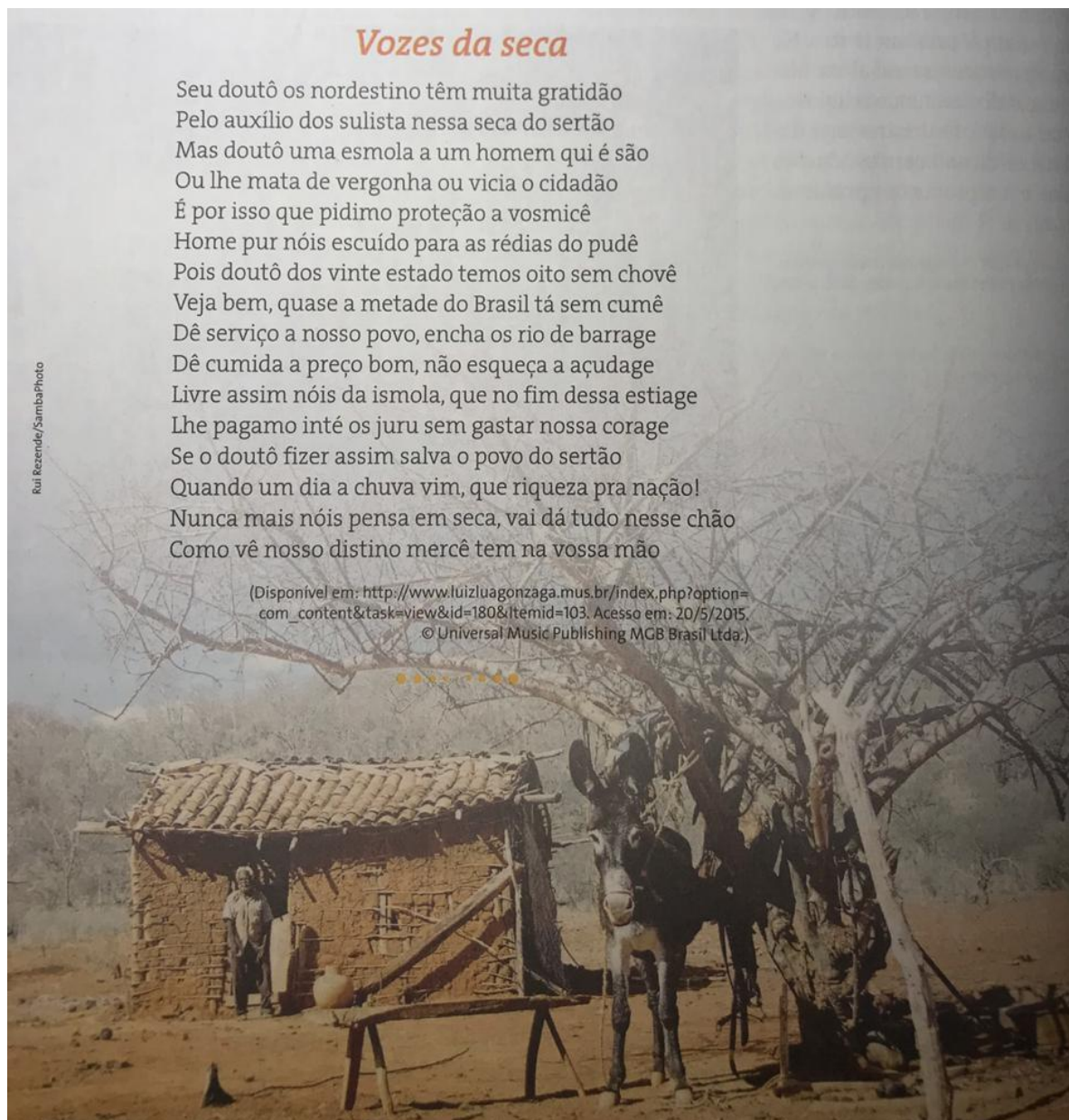
5.1 Explorando as categorias

5.1.1 “Variedades linguísticas”

A seção começa apresentando o texto “Vozes da Seca”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas (apresentado na imagem 01). Em seguida, após a leitura, o livro traz uma atividade composta por 8 questões. É importante observar que o autor traz as questões antes de citar alguma informação prévia sobre a variação linguística, tema central da categoria e ao mencionar o texto que será trabalhado, apenas fornece as informações sobre autoria do texto e que se trata de uma música.

Percebemos que, para trabalhar a variação linguística, o livro mantém uma postura conservadora, pois, seleciona um texto com característica regional, estereotipando a variação à linguagem sertaneja. Junto ao texto, há uma imagem de fundo. Deduzo que o autor tenha a intenção de associar a linguagem do texto com o possível falante dos versos. Seria interessante que o professor realizasse uma introdução sobre o conteúdo e o objetivo da seção antes de iniciar a atividade, tendo em mente os pressupostos teórico-metodológicos que abrangem a sociolinguística variacionista.

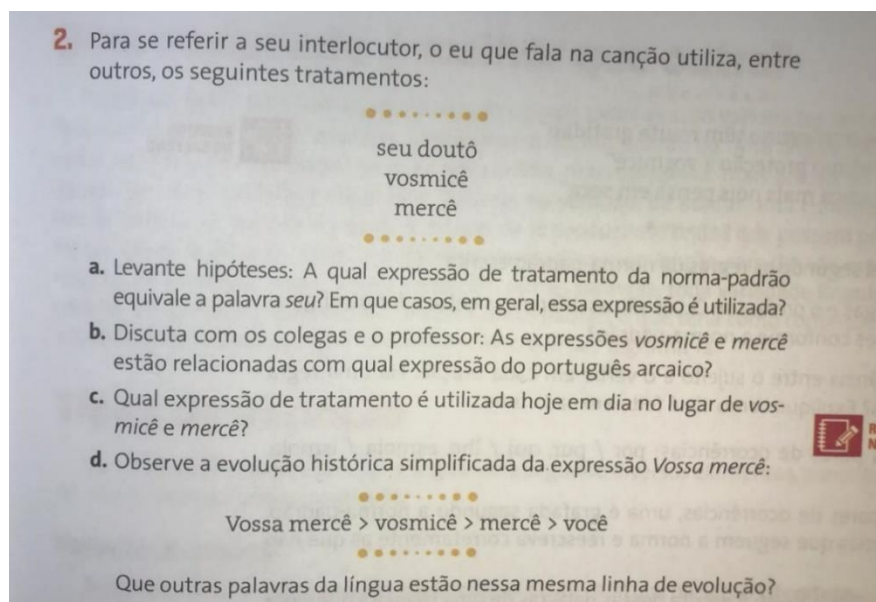
Imagem 1: Texto "Vozes da Seca", de Luiz Gonzaga e Zé Dantas



Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.48)

As questões 1 e 3 estão relacionadas a interpretação de texto. A questão 2 aborda alguns termos utilizados no texto e as alternativas de a-d trazem questões sobre a variação linguística, conforme imagem 02, a seguir:

Imagem 2: Questão 2



Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.48)

De acordo a imagem 02, na letra a, o autor trata sobre a norma padrão relacionada ao pronome “seu”. Na letra b, uma discussão sobre as expressões “vosmicê e mercê”, já afirmando que elas são do português arcaico. Na letra c, uma alternativa bem interessante, trata sobre a evolução das expressões vosmicê e mercê utilizadas no texto, questionando qual é a expressão de tratamento usada atualmente no lugar delas. E a alternativa D, pede outros exemplos de palavras que sofreram mudanças através do tempo.

Ao pensar nos tipos de variação e suas definições elencadas por Ilari e Basso (2006), percebemos que, na questão 2, apesar da forma mais resumida, o tratamento da variação linguística foi bem explorado, pois, podemos trabalhar a variação diafásica na alternativa a, assim como a variação diacrônica nas alternativas b, c e d. Também poderia ser trabalhado a questão da variação diatópica, mas o livro não traz a condução necessária para que essa visão seja concretizada.

Contudo, é preciso ter um cuidado sobre a questão do certo e errado, pois na alternativa a, a questão já aborda o pronome “seu” como sendo algo não padrão. Se

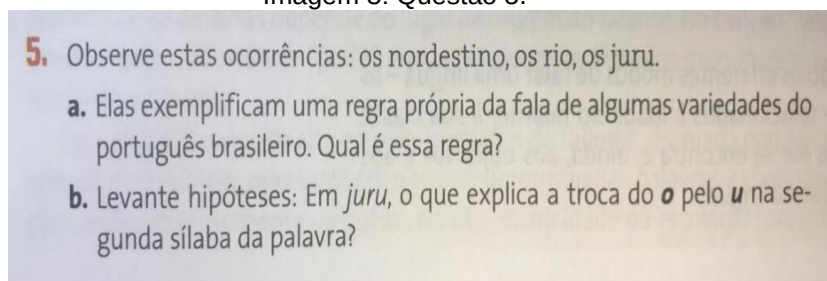
o aluno não trazer pelo menos um conhecimento prévio sobre variação linguística, haverá uma tendência a julgar a forma de tratamento de forma preconceituosa, atribuindo a idéia de falar errado ao sertanejo.

A questão 4 propõe uma avaliação de três sentenças para defini-las como sendo verdadeira ou falsa, justificando sua escolha. Apenas a 3ª alternativa aborda sobre a variação linguística. Ela diz o seguinte, “A letra da canção está escrita em uma variante não padrão do português e ainda hoje muito presente na fala de um grande número de brasileiros” Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.49)

Ao interpretar o enunciado e associá-la aos falantes na atualidade, percebemos que há uma tendência em querer definir que o grupo que fala da mesma forma que encontramos no texto possui uma condição social não favorável e possui um nível baixo de estudo. Esse grupo acaba sendo sempre estigmatizado por utilizar, de maneira mais constante, a forma não padrão da língua e não salienta, por exemplo, que esse grupo possui determinados conhecimentos que merecem ser destacados, pois os adquiriam por sua prática cotidiana.

O professor deve ficar atento as respostas dos seus alunos, pois, nessa condição, ele conhecerá a concepção dos alunos a respeito da variação linguística e quando a forma que eles reagem a essa condição. Sendo assim, o professor tem a possibilidade de elaborar questões sobre a realidade dos alunos e suas reações ao lidar com essa situação. Essa postura vai além do que é dito na alternativa para ser discutido apenas como certo ou errado.

Imagem 3: Questão 5.



Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.49)

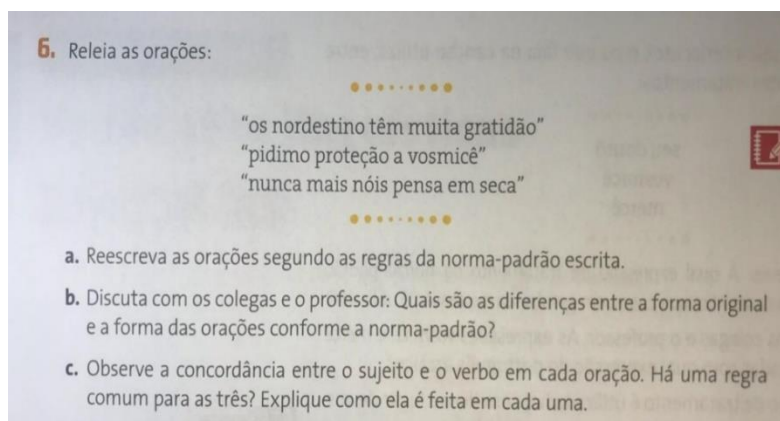
A questão 5, conforme imagem 3, também aborda a questão da variação na escrita que também será oralizada e traz duas alternativas.

Na letra a, temos uma circunstância que acontece constantemente no dia a dia, inclusive nos falantes que fazem uso mais constante da norma padrão da língua, a ausência do <S> no sintagma nominal, aqui exemplificado em “os nordestino” e “os rio” que variam e não cumprem concordância nominal morfológicamente visível. Uma possibilidade de justificativa seria “economizar” a forma de falar ao perceber que o plural já está demarcado em <OS> e o falante poderia considerar o plural das palavras seguintes ao determinante, uma redundância.

Percebe-se que não é a intenção no livro didático, mas temos aí um ótimo exemplo para o professor abordar a questão da variação linguística que ainda não foi abordada no livro, descrevendo-a como uma variação morfológica, ao invés de apontá-la como erro, destacando que é possível haver o entendimento das palavras ao ouvi-las sendo pronunciadas da forma que vieram no enunciado. É altamente relevante também destacar que em situações que seja necessário usar a variação padrão, a concordância é obrigatória.

Já na letra b, o autor traz uma discussão sobre a troca do “o” pelo “u”, nas segundas sílabas de *juru*. Assim como a alternativa a dessa questão, é preciso ter o cuidado pra não abordar a palavra como se estivesse escrita de forma errada, mas destacar que está escrita de forma variada. Temos aqui um caso de variação fonético-fonológica em que a vogal <O> ganha o som de <U> e o falante, ao transcrever a palavra, não o faz seguindo um critério ortográfico, mas a escreveu seguindo o padrão da fala.

Imagem 4: Questão 6



Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.50)

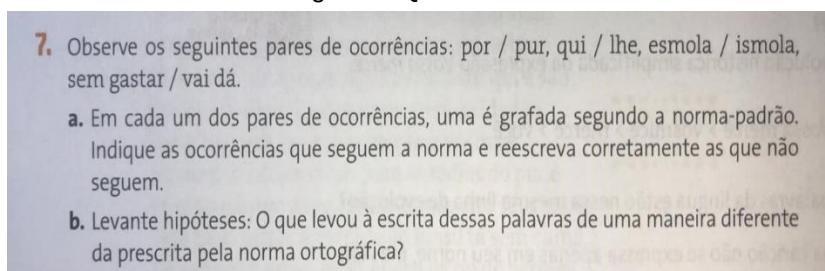
A questão 6, apresentada na imagem 4, destaca três frases e traz três alternativas. Na alternativa a, há um exercício de reescrita das frases escritas na forma não padrão para a norma padrão. Esse tipo de atividade acaba elucidando a forma padrão da língua como sendo a forma correta e acaba deixando de lado, por exemplo, a intenção do autor do texto ao colocar as palavras na forma da variação não padrão.

Na alternativa b, questiona as diferenças entre as frases escritas na forma original, como está escrito no texto (identificada como norma não padrão) e na norma padrão. E na alternativa c, um exercício sobre concordância verbal. Ao analisar essas duas alternativas, percebemos que a variação não padrão acaba sendo deixado de lado para que a norma padrão ganhe destaque e acaba sendo evidenciada como a forma correta de falar e escrever. O livro acaba deixando de lado, também, o caráter literário do qual o texto foi escrito.

Esse mesmo fato pode ser constatado na questão 7, apresentada na imagem 5, a seguir. Ao pedir, na letra a, que o aluno grafasse as ocorrências padrão e reescreva as palavras da norma não padrão para a forma padrão, o autor aponta, de maneira estrondosa, que a forma não padrão é considerada um erro e que o aluno deve preferir o uso da norma padrão, tanto ao falar quanto ao escrever. Não há uma exploração sobre o caráter não padrão como motivo para que os termos fossem selecionados para estar no texto.

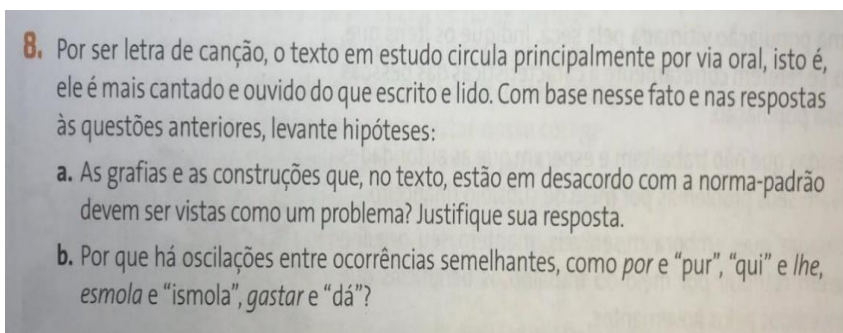
A questão passa a se dedicar exclusivamente a caracterizar a fala como certo ou errado, reduzindo os termos a uma questão meramente gramatical. Esse tipo de atividade relativiza os alunos e, se conduzido de forma inadequada, acaba gerando um preconceito com a norma não padrão, estigmatizando-a de maneira a ser rejeitada pelos alunos.

Imagem 5: Questão 7



Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.50)

Imagem 6: Questão 8



Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.50)

A questão 8 aborda uma questão interessante. Apresenta o texto como sendo uma música, ou seja, será mais escutada do que explorada na sua forma escrita. A questão traz duas questões, alternativas a e b, que mais uma vez se limitam a trabalhar a questão a partir de uma abordagem tradicional, dando ênfase a norma padrão e deixando de lado fatores relevantes como a intencionalidade do autor, a identidade do eu-lírico presente no texto, a posição social dos interlocutores, entre outros fatores. Assim, percebemos, em relação ao exercício, que apenas a questão 2 deu mais ênfase aos fatores teórico-metodológicos que compõe a variação linguística. Nas outras questões, o livro mantém uma postura mais tradicional, se preocupando em apontar a norma padrão.

Após o exercício, o livro apresenta o tópico "reflexões sobre a língua", um tópico bastante relevante que apresenta informações como a origem do texto da música e o período em que foi escrita. Nesse tópico, a língua é apresentada de forma heterogênea, citando alguns tipos de variação, destacando que as alterações ocorridas são naturais e comuns e fazem parte da evolução de qualquer idioma.

Após o texto, o livro apresenta a definição de variação linguística: “são os diferentes modos de falar de uma língua – as variedades linguísticas – relacionadas à idade do falante, à sua classe social, ao espaço em que ele se encontra e, ainda, aos objetos e usos específicos que ele faz da língua” (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.50). Essa definição comunga com a descrição feita por Labov (2008).

Ao expressar de forma clara a definição de variação linguística e as características peculiares do texto utilizado para abrir essa categoria, as questões que envolvem o tema analisado passam a ganhar outra configuração e o professor

pode solicitar aos alunos que refaçam o exercício a partir desse olhar heterogêneo da língua para atingir as devidas competências abordadas nas questões.

5.1.2 “Uma variedade é melhor que a outra?”

Como vimos, os PCN de língua portuguesa já apontam que falar bem é falar adequadamente. Nessa categoria apresentada no livro, nos deparamos com uma discussão relevante. O livro aborda uma discussão sobre a escolha de uso da norma padrão como uma opção da língua, mas não como a única opção, pois a língua não é homogênea. Ao lembrar o objetivo de Labov (2008), vimos que o trabalho desenvolvido por ele foi realizado com o falante real, em situações reais de linguagem e que a variação existe porque a língua é executada por falantes de carne e osso.

No entanto, ao citar que a norma padrão não é a melhor ou a mais completa, o livro aponta a escolha da norma padrão como uma forma de adotar uma convenção mais estável e duradoura na língua, associando essa convenção a uma relação de prestígio, poder e classe social dominante. Todavia, o que Labov (2008) aponta é que a variação é até necessária para que haja o funcionamento de uma língua. O autor afirma que “se quisermos fazer bom uso das declarações dos falantes sobre a língua, temos que interpretá-las à luz de produções inconscientes, sem reflexão” (2008, p.233). Portanto, é um fato inerente que a língua não é homogênea e que a variação é uma circunstância real da língua.

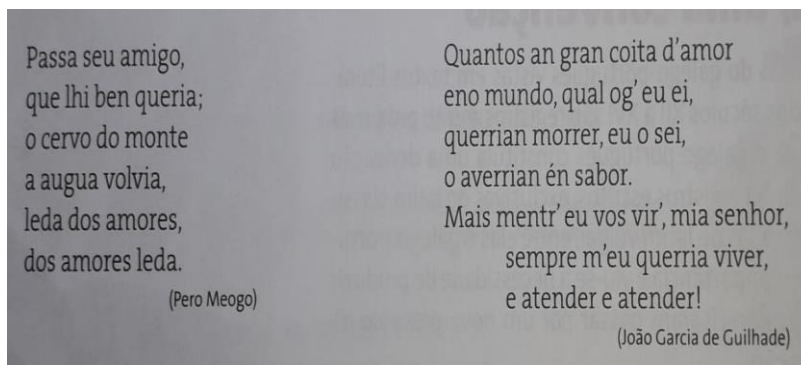
5.1.3 “Tipos de variação”

Na categoria seguinte, o livro nos apresenta uma descrição sobre os tipos de variação. Há uma descrição maior sobre a variação diacrônica em relação aos outros tipos de variação. Podemos justificar essa descrição mais elaborada por perceber que o livro transita mais sobre esse viés quando apresenta o texto “Vozes da seca”, quanto no exercício sucessivo ao texto.

Para exemplificar esse tipo de variação, o livro apresenta trechos de textos utilizados na primeira seção (Literatura) desse capítulo, conforme a imagem 7, a seguir, e destaca algumas palavras “ben”, “augua” e “grand”, que correspondem, respectivamente, a bem, água, considerando o galego-português como uma

variedade antiga do português atual. Ainda traz como exemplo o termo “vosmicê”, presente no texto de abertura dessa categoria, que hoje equivalente a “você”.

Imagem 7: Fragmentos de textos para exemplificar a variação diacrônica



Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.51)

Na sequência, em seguida, aborda as variações diatópica, variação diastrática e variação diamésica, apresentando as definições de cada uma. Diferente da variação diacrônica, os conceitos dessas variantes são definidos de forma mais resumida, sem tanta atenção. Poderíamos justificar essa diferença por perceber que, apesar de abordar a variação linguística, o livro apresenta o tema de forma mais restrita. Não vemos, por exemplo, variação linguística em nível morfosintático, mas vimos o exercício se limitar apenas a questões lexicais e diacrônicas, posicionando-se de forma conservadora.

5.1.4“A Norma padrão”

Nessa última categoria, mais uma vez notamos o destaque para a norma padrão, caracterizando-a como uma tradição gramatical que define os parâmetros para a escrita. A norma, nessa seção é enfatizada para a escrita, quase que deixando a fala de lado.

O livro traz a seguinte definição para a norma padrão: “é o conjunto de regras, pautadas em autores consagrados, que impõe uma unidade à língua escrita”, e de forma quase direta, impõe ao aluno que escolha fazer uso da norma padrão por “ela ter grande prestígio social e seu domínio ser importante para uso em diversas situações” (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.53). Entretanto, indica que as variedades “distantes” da norma padrão não devem ser descartadas.

Poderia dizer, então, que o início dessa seção dissolveu todo o trabalho realizado durante a seção sobre a variação linguística. Apesar de expressar um fator existente e inerente a língua, o livro optou em deixar o destaque para o uso da norma padrão como sendo o uso preferido para o dia a dia, mesmo tentando apontar que o uso da variante não padrão deve ser considerado.

Por fim, o livro traz mais um texto, de caráter publicitário, apresentado na imagem, a seguir. Esse texto é parte de um anúncio publicitário e traz um exercício composto por 7 questões. As questões 1, 2, 4, 6 e 7 estão relacionadas a interpretação de texto. Apenas as questões 3 e 5 abordam sobre a variação linguística.

Imagem 8: Texto publicitário

O texto abaixo é a primeira parte de um anúncio publicitário. Leia-o.



SKYPE®

O FABULOSO SISTEMA
INTERACTIVO CAPAZ DE AGREGAR
VOSSA FAMÍLIA.

Skype é uma ferramenta de finíssima qualidade para você e vossos parentes se comunicarem pela internet. É a mais saudável, econômica e segura forma de manter, à distância, vigorosos laços familiares. Skype é mais que telephone. É um verdadeiro milagre audio-visual que colocar-lo-á em contacto com um novo e revolucionário mundo.

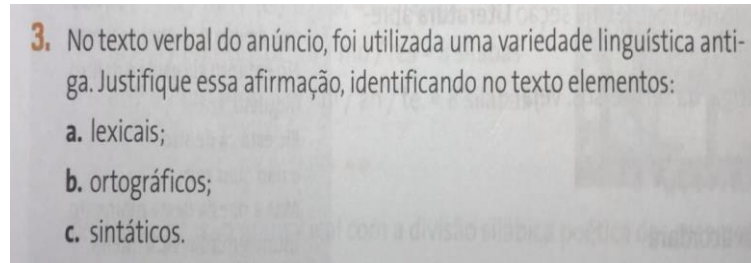
SKYPE
LDA

(Disponível em: <http://cargocollective.com/momapropaganda/Maxim-dia-An-ncios-Vintage>. Acesso em: 12/2/2015.)

Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.54)

A questão 3 aborda a variação diacrônica, pedindo que identifique elementos lexicais, ortográficos e sintáticos, conforme a imagem apresentada.

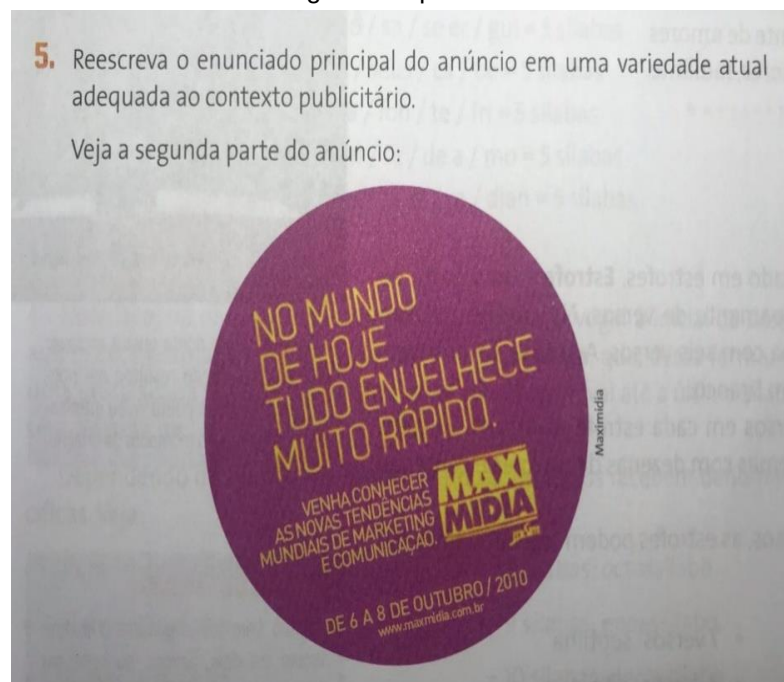
Imagem 9: questão 3



Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.55)

Como os exercícios trabalhados anteriormente, no início dessa seção, tanto a questão 3 quanto a questão 5 abordam a variação linguística de forma muito limitada. O destaque fica para a variação diacrônica, praticamente esquecendo que há outros tipos de variação. Torna-se algo explícito esse tipo de questão, ao ver que ele sucede a categoria “norma padrão”. Uma possível teoria é que essas 2 questões só aparecem nessa lista de exercício por está inserido na seção que trabalha a variação linguística. Podemos justificar essa teoria pelo fato de haver apenas 2 entre 7 questões propostas.

Imagem 10: questão 5



Fonte: (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, p.55)

A questão 5 apresenta a segunda parte do texto publicitário apenas para exemplificar sobre o que de fato a questão pede, que é um exercício de reescrita de termos como “vossa”, por exemplo, que está presente no texto base da questão. Uma abordagem da variação diacrônica sem explicitar maiores detalhes sobre o seu uso. Assim é encerrada a parte do livro que aborda a questão da variação linguística.

Ao analisar o livro didático, mais especificamente a seção que aborda a Variação linguística, podemos concluir que, apesar das lacunas existentes ao decorrer da seção, já é um ponto significativo encontrar uma boa discussão sobre o tema dentro de um livro conceituado para o ensino de língua portuguesa. Em alguns momentos encontramos uma boa explanação do conteúdo, mas em sua maior parte haveria a possibilidade de se estender e abordar a variação de forma mais completa. Cabe ao professor, então, desenvolver de forma mais ampla a questão da variação linguística para proporcionar aos alunos uma forma de aprendizagem mais ampla e sem preconceitos equivocados pela falta de conhecimento.

Os debates e pesquisas acerca da variação linguística devem continuar, entre outros fatores, para combater o preconceito linguístico de ensino baseado apenas na norma padrão, assim como proporcionar o ensino da língua de forma heterogênea abrangendo as áreas em que a variação linguística está inserida.

6 CONCLUSÃO

Podemos constatar que há uma grande diversidade linguística em nosso país e que as pesquisas sociolinguísticas têm contribuindo de forma significativa para o ensino aprendizagem de língua portuguesa, para a formação do professor, tanto no uso das variações no meio social, quanto na produção de materiais didáticos.

Ao observar o ambiente escolar, conseguimos enxergar uma grande fonte de variação linguística entre professores e alunos, pois, cada um traz consigo as suas formações e conhecimentos básicos de sua realidade do dia a dia. Por isso é importante tratar a língua com um elemento heterogêneo. Como disse Labov (2008), a língua varia e quando executada, seja na fala ou na escrita, difere entre os falantes, nos mais variados contextos.

Verificamos que há um equívoco no uso do termo norma culta e norma padrão e que as variantes populares são estigmatizadas por não se encaixar nas normas gramaticais. Por isso, é necessário que o professor, ao tratar sobre língua e linguagem, assuma uma postura heterogênea no ensino e seja claro ao abordar as variações linguísticas para não criar uma postura preconceituosa ao trabalhar as variantes não padrão.

O livro didático é um instrumento fundamental que auxilia no ensino aprendizagem em sala de aula. Entretanto, abordar outros materiais, com textos mais autênticos, proporciona um ensino mais amplo em relação à temática analisada. Apesar de abordar a variação linguística, podemos perceber que ainda há um discurso entre certo x errado, como abordou Bagno (2003), limitando-se também a apresentar uma variação regional e ao invés de explorar o conteúdo, limita-se a exercícios de reescrita e análise lexical.

De igual modo, constatamos, através das análises realizadas aqui, que o material didático, mais especificamente, o 1º volume da coleção “Português contemporâneo”, busca levar para dentro da sala de aula questões que envolvem a variação linguística. Contudo, é notório que há algumas lacunas presentes no tratamento dado pelo referido material didático a heterogeneidade linguística.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **A norma culta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, Maria; NEVES, Moema. (orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

COELHO, I. L. (et al). **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

FARACO, A. C. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

GONZÁLEZ, C. A. Variação linguística em livros de português para o EM. (In) ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Orgs.). **Pedagogia da Variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

KENNEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Carolina R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editora, 2008 [1972].

PAGOTTO, E. G. Sociolinguística. In: C. C. PFEIFFER e J. H. NUNES (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística: Objetos Teóricos**. São Paulo: Contexto. 2013. p. 11-23.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1997.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1986.

WITKOWSKI, Rejane. **A Sociolinguística e suas Principais Correntes de Estudo**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. 2013.